SEVEN
publicações acadêmicas

DESAFIOS DA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA NO BRASIL: RELATOS DOS PRIMEIROS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (UFAPE)

https://doi.org/10.56238/sevened2025.001-004

Catarina da Silva Souza
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
catarina.souza@ufape.edu.br
https://orcid.org/0000-0003-0095-4229
http://lattes.cnpq.br/1512422081907295

RESUMO
O artigo discute as trajetórias universitárias dos primeiros egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). A instituição, criada em 2005 como Unidade Acadêmica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no contexto do REUNI, teve papel importante na democratização do ensino superior, oferecendo acesso a uma educação pública de qualidade no interior do estado de PE. Com o objetivo de compreender as experiências desses estudantes, o estudo analisa elementos como cotidiano acadêmico, professores, aulas, projetos, desafios e contribuições da universidade para a formação profissional e cidadã. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e a metodologia da História Oral, adotando um estudo de caso para investigar as trajetórias dos primeiros egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE). Com foco em compreender experiências vividas, foi realizada a coleta de dados por meio de entrevistas com perguntas abertas, analisadas com base na metodologia de análise de conteúdo, que permitiu categorizar e organizar os elementos significativos (Bardin, 2011). Os depoimentos dos entrevistados destacaram momentos de superação e enfrentamento de dificuldades. Relataram que a instituição, por meio de sua organização, docentes, funcionários, programas institucionais e políticas, desempenhou um papel essencial no estímulo à formação, permanência e conclusão dos cursos, evidenciando a relevância desses elementos no ambiente universitário. A pesquisa demonstrou como o acesso à educação superior foi um marco significativo na vida dos entrevistados, especialmente para aqueles oriundos de camadas populares. Os relatos mostraram que fatores como relacionamentos sociais, participação em atividades acadêmicas e o apoio dos docentes foram essenciais para a trajetória e a conclusão dos cursos. A pesquisa reforça a educação como uma ferramenta crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Trajetória. Universidade. Egressos.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo compõe parte da pesquisa realizada no curso de doutorado, no Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Núcleo de Identidades e Memórias, e se propõe a discutir sobre aspectos presentes na trajetória universitária de estudantes em nosso país, considerando o contexto democratização ocorrida através do programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Diante disso, temos como objetivo geral, compreender a trajetória universitária dos primeiros egressos da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), e como objetivos específicos, identificar elementos que permearam suas experiências na instituição, analisar aspectos importantes do dia a dia acadêmico, os professores, as aulas, os projetos, os colegas, as facilidades e as dificuldades enfrentadas e refletir sobre relevância desses fatores no ambiente universitário.

A UFAPE, se caracteriza por ser a primeira Universidade Federal do Brasil instalada através do REUNI, na cidade de Garanhuns (PE), no ano de 2005, inicialmente como Unidade Acadêmica da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAG/UFRPE), através da Resolução nº 44 de 26 de abril de 2005, do Conselho Universitário (CONSU/UFRPE), com o objetivo de democratizar o acesso e a permanência de estudantes em universidade pública federal, gratuita e de qualidade, contribuindo também com o fortalecimento da região como polo educacional.

Assim, em 05 de setembro de 2005, é inaugurada a primeira Unidade Acadêmica do Processo de Expansão do País, e foi celebrada, nesta mesma data, sua aula inaugural. Entretanto, como a universidade ainda não tinha sede construída, foi necessário alugar um prédio pertencente ao Colégio Presbiteriano Quinze de Novembro, na cidade de Garanhuns, para dar início às atividades acadêmicas (Cordeiro, 2018).

Apenas no primeiro semestre do ano de 2007, a unidade acadêmica passou a funcionar em sede própria em dois prédios, chamados Prédio I e Prédio II, onde funcionavam as atividades administrativas e as salas de aula.

Posteriormente, a unidade aumentou suas instalações físicas com a construção de mais prédios de salas de aula e salas de professores, laboratórios, hospital veterinário, fazenda, biblioteca, residência universitária, quadra poliesportiva, cantina, entre outros. Com isso, dobrou seu espaço físico e aumentou também seu patrimônio humano através do quadro de servidores e docentes. Considerando essa trajetória, observamos também como comprovação do seu crescimento o número de vagas ofertadas nos cursos de graduação, que passou de 120 para 560 anuais, fato que consolida sua relevância na cidade e na vida da população.

Diante desse cenário, a partir do ano de 2016, iniciaram-se as discussões sobre o processo de emancipação da unidade acadêmica. A Instituição teve sua emancipação através da Lei nº 13.651 de 11 de abril de 2018 (Brasil, 2018), publicada no Diário Oficial da União (D.O.U.) no dia 12/04/2018,

passando a se chamar Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

A transformação da UAG/UFRPE em UFAPE foi construída com base em justificativas que perpassaram por inserção territorial, aspectos socioeconômicos, adequação ao Plano Nacional de Educação (PNE), Ensino de Graduação, Pós-graduação, pesquisa e extensão.

Estudos realizados sobre os impactos da UFAPE no desenvolvimento social e econômico, principalmente do município de Garanhuns e Agreste Meridional, foram realizados e demonstraram várias transformações ocorridas a partir da política de expansão (Gewehr, 2021; Souza, 2019; Cordeiro, 2018).

Desta forma, a trajetória dos respectivos estudantes na instituição perpassou o período de 2005 a 2010, a depender da matriz curricular de cada curso. Nesse aspecto, refletimos sobre a trajetória dos participantes da instituição, abordando aspectos como cotidiano, professores, aulas, projetos, amigos, enfim, elementos que permearam suas experiências nesse contexto.

Assim, a implantação de uma universidade federal no interior de Pernambuco possibilitou ao grupo pesquisado condições de acesso a um nível de formação profissional e cidadã que até então só era disponibilizado na capital Recife. De acordo com as entrevistas, conseguimos visualizar a importância da expansão e da democratização do ensino superior no país na vida de cada um dos entrevistados.

2 METODOLOGIA

Desenvolvemos a pesquisa utilizando a abordagem qualitativa, através de um estudo de caso, uma vez que se mostrou o mais adequado para a investigação do nosso objeto, por possibilitar sua análise dentro do seu contexto real em um estudo aprofundado e detalhado (Creswell, 2010).

Assim, utilizamos a metodologia da História Oral para estabelecer e ordenar nossos procedimentos e a coleta dos dados qualitativos, utilizando roteiro de perguntas abertas, pois, através dela é possível compreender como o passado foi interpretado, de forma a possibilitar a documentação de uma visão do que foi vivido, buscando entendê-lo mediante a narrativa dos indivíduos que o vivenciaram. Isso quer dizer que, independentemente de “falhas”, “distorções” ou “esquecimentos” que possam, por ventura, ocorrer, importa analisar esses aspectos levando em conta o significado dessas variações, pois o que buscamos são as experiências vividas (Meihy, 2005; Alberti, 2013; Ferreira e Amado, 2006; e Thompson, 1998).

A fase de interpretação e análise das entrevistas se deu através da análise de conteúdo. A utilização dessa metodologia de análise permitiu a criação de categorias através de critérios de classificação, favorecendo a organização dos elementos de análise e, além disso, o estabelecimento de relações entre eles, ou seja, “é o método de categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas

que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem" (Bardin, 2011, p.37).

Os primeiros cursos a se instalarem na UFAPE foram Agronomia, Medicina Veterinária, Normal Superior e Zootecnia, no ano de 2005, os quais marcaram o início das atividades acadêmicas na instituição. Visando a atender às demandas do Ministério da Educação (MEC) e acompanhando as discussões sobre a natureza e a função dos cursos Normal Superior diante dos cursos de Pedagogia, estes já reconhecidos como os responsáveis pela formação docente para atuação na Educação infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a IES decidiu substituir o curso Normal Superior pelo Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, no mês de fevereiro do ano de 2007.

Diante disto, fizemos um levantamento, junto ao Departamento de Registro e Controle Acadêmico da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (DRCA/UFAPE), da relação dos egressos dos cursos selecionados para verificar os que se enquadravam no critério de inclusão da pesquisa, que seria a conclusão do curso. Foram excluídos os egressos que não concluíram os respectivos cursos de graduação.

No intuito de irmos na contramão das pesquisas que relatam sobre o fracasso escolar, sem, contudo, deixar de reconhecer também sua importância, adotamos esse critério. Acreditamos que pesquisar casos de sucesso escolar nos permite identificar os fatores que contribuem para o bom desempenho dos discentes, reverberando em práticas que promovam estratégias de sucesso no ambiente universitário e ampliação dos debates acadêmicos a esse respeito.

Para realizar nossa pesquisa, tínhamos um universo de 76 egressos, sendo 18 do curso de Pedagogia, 18 do curso de Agronomia, 21 do curso de Medicina Veterinária e 19 do curso de Zootecnia. Assim, sorteamos um egresso de cada curso. Dessa forma, entrevistamos quatro indivíduos que, diante dos objetivos da nossa pesquisa, contemplaram os critérios de inclusão e foram identificados como: Zootecnista, Agrônomo, Veterinária e Pedagoga.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2023, em dias e horários agendados pelos entrevistados, de forma remota e presencial de acordo com suas disponibilidades, sendo gravadas e transcritas para análise.

3 RESULTADOS

Durante os depoimentos sobre o período em que estiveram na UFAPE, pudemos perceber como um ponto comum entre os entrevistados falas de muita admiração e orgulho por terem feito parte e vivenciado todo o processo de implantação de uma instituição, onde eles fizeram questão de destacar os momentos de superação que se fizeram necessários. Também foram comuns relatos sobre as dificuldades presentes nesse período.

Os participantes da pesquisa relataram que a IES, sua forma de organização, seus docentes, funcionários, programas institucionais e suas políticas atuaram de forma a estimular a formação, a permanência e a conclusão dos respectivos cursos, evidenciando a importância desses aspectos no ambiente universitário.

4 DISCUSSÃO

Durante a pesquisa, buscamos compreender a trajetória dos primeiros egressos da UFAPE, abordando aspectos importantes do dia a dia, os professores, as aulas, os projetos, os colegas, as facilidades e as dificuldades, enfim, identificar elementos que permearam suas experiências na instituição, uma vez que, após conseguir ultrapassar a barreira do ingresso ao ensino superior, os depoentes precisaram lutar pela permanência e pela conclusão.

De acordo com os resultados das pesquisas realizadas por Zago (2006) e Costa e Picanço (2020), é errado considerar "sucesso escolar" o acesso ao ensino superior, pois só esse aspecto não basta, esse sucesso vai muito além disso, é necessário considerar outras características como a escolha do curso e as condições de inserção e permanência. Segundo Zago (2006, p. 233), "se o ingresso ao ensino superior representa para este grupo de estudantes uma 'vitória', a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso".

Ao ingressar na instituição, os depoentes relataram que iniciaram as atividades em um prédio provisório e sentiram falta de muitos materiais e de uma melhor estrutura física. Foi comum o relato sobre as aulas assistidas embaixo de algumas árvores nesse espaço, o que geralmente foi associado a uma lembrança boa. Além disso, corpo docente, técnicos administrativos e demais funcionários foram citados em um misto de admiração e superação.

Ao iniciar descrevendo suas trajetórias na UFAPE, os participantes da pesquisa relatam que se sentiram muito felizes com a aprovação, ficaram bastante animados e também desfrutaram de momentos bons e ruins. No início, comentaram que sentiram muitas dificuldades em relação à infraestrutura física da instituição, visto que estavam em um prédio provisório, que não dispunha de tantos recursos para os cursos, conforme trecho a seguir,

> [...] Sem falar que o curso de agronomia, diferente dos outros cursos que tinham lá, principalmente, é, os que tinham uma prática mais em campo, a gente era mais defasado porque não tinha laboratório, não tinha campo experimental, não tinha onde você plantar, era tudo uma burocracia pra ser feito. Era mais complicado. Diferente, muitas vezes, do curso de veterinária, o curso de zootecnia, quando eles tinham no primeiro período anatomia, eles tinham um local lá incrível, tinha o Centro de Zoonoses, que eu tinha até um colega que era monitor, ele ia direto pro centro de zoonoses, tinha a clínica de bovinos, tinha um suporte. A gente da agronomia não tinha [...]. É, eu vejo é, que a gente penou bastante por ser os primeiros, né? (Agrônomo, 2023).

O Ensino Superior brasileiro enfrentou e enfrenta grandes desafios desde sua implantação, e, de acordo com Silva (2001), um dos seus grandes problemas é a escassez de recursos financeiros.

Segundo Mancebo, Vale e Martins (2015, p.39), uma das críticas recebidas pelo programa de expansão universitária seria em relação aos recursos destinados para a melhoria da infraestrutura das instituições que estariam "insuficientes para o atendimento da expansão em curso e para a qualidade das atividades acadêmicas".

Para Lima e Machado (2016), as críticas feitas à democratização e ao crescimento do ensino superior permeiam a pauta da perda da qualidade, discussão que, segundo os autores, está longe de um consenso até pelo próprio embate em torno da definição de qualidade.

Os participantes relataram, em seus depoimentos, que as dificuldades estruturais encontradas durante o início dos seus respectivos cursos dificultaram em alguns momentos o processo de ensino aprendizagem, pois, não dispunham muitas vezes de laboratórios e materiais para aulas práticas, além de haver poucos livros disponibilizados pelo setor de biblioteca. Para Lima e Machado (2016), não podemos ignorar a existência de vários problemas gerados pela expansão ou por ela acentuados.

Para Peñaloza (2022), as orientações políticas em nosso país buscam reduzir ou não ampliar o apoio financeiro às universidades públicas, mesmo diante das demandas por aumento de vagas e produção. Logo, os relatos dos participantes da pesquisa demonstram que, de fato, existiam problemas estruturais na IES, não só por se tratar de um prédio provisório, mas por todo o contexto da própria implantação de uma nova universidade.

Diante disso, "o REUNI surge num momento e contexto de aumento dos investimentos do Governo Federal na educação pública brasileira" (Lima; Machado, 2006, p.403), mas, mesmo com os recursos destinados ao programa, os participantes da pesquisa relataram vivências de dificuldades estruturais ao mesmo tempo em que reconheceram que, durante o processo de implantação da universidade, e, principalmente, com o início das obras do prédio definitivo, esses problemas foram diminuindo gradativamente conforme relato de Zootecnista.

> [...] Quando a gente estava já terminando, aí já estava muito mais estruturado em comparação, né? E aí um ou dois anos depois que eu terminei, quando eu estava no mestrado, eu vim fazer minhas análises do mestrado aqui [Garanhuns]. Porque eu tive que mudar de projeto lá no Recife aí, é, meu orientador queria que eu prorrogasse e eu disse a ele que eu não tinha condição nenhuma de prorrogar porque não dava pra ficar no Recife. Aí falei com a professora Keila aqui [Garanhuns], o laboratório já tava muito, muito, muito estruturado. E aí eu fiz minhas análises do mestrado todinha aqui [Garanhuns], e aí nessa época já tinha laboratório de nutrição de solos, já tinha um monte de coisa, né? Mas na época da gente (Zootecnista, 2023).

Apesar das dificuldades estruturais relatadas, todos concordaram em afirmar que desfrutaram de bons momentos na instituição. Nesse aspecto, também houve unanimidade em relação à importância dos docentes em todo o período do curso, os quais incentivavam e apoiavam os estudantes, como observamos nos seguintes relatos,

> Antes era complicado, mas eu gostava muito da galera lá, né? Teve um período que eu passei em laboratório, era bom, que tinha uma companhia. Meus professores, que tenho uma amizade

> com alguns ainda, principalmente o Marcelo Metri que é, foi meu orientador de PIBIC, eu tenho amizade com ele. Pronto, isso é o que fica, além do fato de que eu aprendi muita coisa, né? (Agrônomo, 2023).
>
> E aí quando eu entrei, a disciplina de química, [...], que eu não gostava de química antes. [...]. Aí gostei muito, porque eu tive ótimos professores, né? Que era a Suzana Rufino, tinha professor de matemática que ele, a gente tava sem professor de matemática, né? Que Sansuke chegou depois. Aí todos esses professores de química e matemática que eu tive foram maravilhosos, né? Eu ficava encantado e eu aprendia mesmo, né? Aí uma vez, a gente organizando esse negócio de festa, calourada, pra juntar dinheiro pra turma, aí eu tirei um e meio numa prova de química, aí a professora disse: meu Deus, tu tirou um e meio, tava tão na esperança que tu fosse meu monitor no semestre que vem. Aí aquilo ali me endoidou a cabeça, né? Aí eu disse: meu Deus, vou ter que recuperar essa nota, porque a professora disse que eu ia ser monitor. Aí estudei, estudei, estudei, pra fazer a terceira VA [Verificação de Aprendizagem] e eliminar aquela nota, né? Aí estudei, aí não lembro a nota que eu tirei não, mas assim, eu tirei uma nota boa e tal, aí passei e aí quando foi no semestre seguinte, ela abriu a seleção de monitoria. Aí tinha a prova, né? [...]. Aí eu estudei pra prova [...]. Enfim, aí foi eu e Mábio, monitores da disciplina (Zootecnista, 2023).
>
> [...]. Se você perguntar aos professores, eles sempre dizem assim, a primeira turma foi uma turma, né? Porque a gente não era vítima e era muito interessado, né? Então, era uma turma boa, não era tão ruim não [...]. Porque lá a gente tinha professores que faziam de tudo pela gente sim, retiravam do bolso pra fazer, pegar material pra gente, isso a gente sabe não por eles, depois a gente ficou sabendo, né? (Veterinária, 2023).
>
> Aí na época, professor Marcelo, que é tampa, Juliene, né? Professor Cláudio. E todos os outros, tudo professor bom. Só doutor [...]. Naquela época tinha que ser doutor. Então todos doutor. Nenhum daqui [Garanhuns]. Alguns professores, era a primeira turma de universidade deles. Então eles deram tudo de si, por saber que aquela universidade era a primeira academia no interior, né? Então eles deram tudo de si. Chega me arrepio de falar e assim foi bom demais, bom demais, eles assim, eles davam muita força a gente, muita força (Pedagoga, 2023).

Através desses trechos, conseguimos apreender que os docentes da instituição tiveram um papel importante na vida dos discentes, impactando suas ações, no sentido de estimular a permanência na universidade e os estudos. Foi observado, durante as análises das entrevistas, que essas vivências despertaram a admiração e o reconhecimento pelos seus esforços na prática de sala de aula por parte dos nossos entrevistados. Esses fatos não se detiveram a apenas um curso, uma vez que diferentes experiências foram citadas por todos e demonstraram resultados positivos, de forma que foi possível observar que o comprometimento dos docentes foi além do repasse de conhecimento.

Para Junges e Behrens (2015), o trabalho do professor no ensino superior se justifica através da transposição do conhecimento científico em aprendizagens significativas aos discentes. Além disso, com a expansão do nível superior e com a diversidade dos discentes, é necessário que os professores compreendam o contexto no qual ensinam, a quem e como ensinam. Assim, esse trabalho vai além do domínio dos conhecimentos da sua disciplina, é necessário que "[...] o professor também atue sobre fundamentos pedagógicos do processo de ensino-aprendizagem, aliados aos saberes de sua experiência e de sua produção científica" (Junges; Behrens, 2015, p.286).

Segundo Borralho, Fialho e Cid (2012), é preciso que o docente universitário se preocupe, sobretudo, com o fazer aprender, incrementando, nesse processo de aprendizagem, além das competências básicas profissionais, a autonomia, o pensamento crítico e a reflexão.

Uma característica que nos chamou atenção nessa parte das entrevistas foi em relação ao estabelecimento de um certo grau de amizade que os depoentes relataram ter conseguido estabelecer com alguns dos seus professores, o que também teve uma contribuição significativa para seus processos formativos.

Em pesquisa sobre prática docente no Ensino Superior, Junges e Behrens (2015) realizaram entrevistas com um grupo de professores desse nível de ensino lançando reflexões acerca de suas práticas pedagógicas. Ao analisar as respostas dos docentes sobre os relacionamentos com os alunos, as autoras afirmaram que, na medida em que começava a existir uma aproximação entre eles, os alunos passavam a demonstrar mais interesse nas aulas, de forma que se percebeu um aumento mútuo de confiança e comprometimento.

Para as autoras, as parcerias entre professor e aluno contribuem para uma melhor participação do corpo discente, pois "[...] alunos interessados e comprometidos estimulam o trabalho do professor, favorecem a comunicação dialógica, a descoberta e a aprendizagem significativa" (Junges; Behrens, 2015, p.305).

Quando o docente estimula a participação e a colaboração dos discentes durante aulas, projetos e demais atividades acadêmicas, são produzidos impactos positivos no processo de aprendizagem que resultam em um melhor rendimento acadêmico (Borralho; Fialho e Cid, 2012).

Diante disso, é possível afirmar que o trabalho docente no ensino superior vai além da formação profissional do seu alunado, já que o compromisso abarca também a formação cidadã e ética de pessoas que interferirão na construção de uma sociedade (Junges; Behrens, 2015), característica que pudemos observar através dos relatos dos entrevistados, quando comentaram sobre as boas experiências que tiveram com seus professores.

Além disso, foi possível observar também relatos sobre participações em atividades acadêmicas de pesquisa e extensão, que contribuíram em diversos aspectos para a permanência e para o crescimento intelectual e profissional nas áreas específicas de cada depoente.

> [Sobre sua participação em PIBIC] Sim. Acho que foi uns dois anos e meio. Não recordo. Eu fui monitor também. Fui monitor da disciplina de física. Que era, o professor era Carlindo, [...] uma figura [risos]. Esse foi um dos períodos mais divertidos que tive na UAG, foi o período que eu era monitor de Carlindo. [...]. E o PIBIC foi com Marcelo Metre. Na área de solos (Agrônomo, 2023).

> [...] Aí passei um ano, aí fiquei fazendo projeto de extensão com a mesma professora de química e aí, foi aparecendo outras monitorias, outros projetos e aí eu comecei a participar, mudei pra Cleber Regis, ele me ensinou muita coisa, principalmente a escrever, né? Que foi as primeiras viagens assim, pra um congresso, apresentar trabalho, foi tudo com ele (Zootecnista, 2023).

> A gente teve aula nos centros zoonoses, a gente dizia que a gente ia roer osso lá, porque a gente ia preparar as peças, então a gente não usou as peças, a gente preparou e a partir das outras turmas que eles foram usando. [...] Então aqui a gente percebeu uma diferença de, ah tem que fazer monitoria, a gente tem que fazer iniciação, a gente tem que fazer, né? PIBIC, PIC e tudo mais. Então a gente tinha muito isso aqui [...] (Veterinária, 2023).

> [...] Sim, a gente passou um tempo dando aula em Capoeiras, numa comunidade que tem em Capoeiras, uma comunidade bem pobre. E a gente ficou indo várias vezes pra lá pra orientar os professores. O Professor formou uma turma e a gente ia pra orientar os professores lá porque era aqueles professores assim sem muita capacitação, que dava aula a comunidade e assim foi muito aprendizado (Pedagoga, 2023).

De acordo com a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), ficou fixado, em seu Art. 207, que, "as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão". Assim, cabe a essas instituições inserir tais atividades em seu cotidiano.

Através dos relatos, observamos que, enquanto estavam na graduação, os depoentes tiveram a oportunidade de participar de atividades de monitoria, pesquisa, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa de Iniciação Científica Voluntária (PIC), e extensão, reconhecendo a importância dessas atividades em suas formações.

A Lei n. 5.540 de 1968 (Brasil, 1968) fixa as normas de organização e funcionamento do Ensino Superior, de modo a estabelecer, em seu Art. 41, que "as universidades deverão criar as funções de monitor para alunos do curso de graduação [...]". Com o objetivo de promover a iniciação à docência, a UFAPE descreve em seu PDI 2023-2028 (UFAPE, 2023) que a monitoria é uma colaboração entre docente e discente monitor e entre discente monitor e seus monitorados.

Por meio dos programas de monitoria, o interesse pela docência é estimulado no aluno. Além disso, há também a possibilidade de aprofundamento do conhecimento da área de atuação da disciplina, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem, tornando-se, assim, um processo ativo, cognitivo, construtivo, significativo, mediado e auto-regulado (Gonçalves, et al., 2021).

Da mesma forma, a iniciação científica (IC) também se configura como um instrumento de construção e desenvolvimento do pensamento crítico, sendo esse um dos caminhos para a formação de pesquisadores, uma vez que insere os discentes na prática da pesquisa.

Para Cabrero e Costa (2015), as atividades de IC se constituem em uma obrigação das universidades, assim se configuram como um mecanismo de formação e não podem ser confundidas com uma tarefa passageira. Além disso, com a IC, os discentes têm a oportunidade de desenvolver projetos de pesquisa, vivenciando debates através da interação com outros pesquisadores, e de conhecer os processos utilizados na geração de novos conhecimentos, contribuindo, assim, para a aquisição da maturidade e dos demais valores indispensáveis à carreira acadêmica.

Sobre isso, Canaan e Nogueira (2015) afirmam que a oportunidade de participar de uma pesquisa de IC desenvolve, nos discentes, maior domínio sobre o conjunto de disposições necessárias para o desenvolvimento da atividade científica, como, por exemplo, o conhecimento dos códigos e da linguagem acadêmica e da sua utilização de forma apropriada.

Costa (2021) complementa afirmando que a iniciação estimula o processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências, possibilitando a realização de pesquisa em diferentes contextos, oportunizando ao discente um despertar pela área acadêmica. Outro aspecto observado por Cabrero e Costa (2015, p.112) e Bardagi e Hutz (2012) em suas pesquisas é que, geralmente, poucos estudantes de graduação envolvidos com pesquisa abandonam ou interrompem o curso superior, por isso é esse mais um efeito do envolvimento com as atividades da universidade.

Além da iniciação científica, as atividades de extensão universitária não só promovem a ciência, mas também estimulam a busca por soluções para os diversos problemas observados nos campos de atuação dos docentes e discentes.

A Resolução n. 6/2022 da UFAPE, que dispõe sobre a sua política de extensão, em seu Art. 2, esclarece que

> [...] a extensão tem como objetivo promover a interação dialógica entre as instituições de ensino superior e os demais setores da sociedade, por meio da troca de saberes, da produção e da aplicação do conhecimento, visando o protagonismo do/a estudante em sua formação de profissional-cidadã e a transformação social (UFAPE, 2022).

Segundo Nunes e Silva (2011), através da extensão, a universidade recebe da comunidade demandas que contemplam suas reais necessidades, anseios e aspirações, ao mesmo tempo em que leva o conhecimento e/ou assistência, de forma que essa interação contribui para o desenvolvimento e para a melhoria da qualidade de vida da comunidade na qual está inserida, exercendo, assim, sua responsabilidade social.

Assim, ocorre a troca entre os saberes sistematizados da academia e os populares, possibilitando o confronto com a realidade local e proporcionando a participação da comunidade (Silva, *et al.*, 2019). Dessa forma, a extensão, aliada ao ensino e à pesquisa, produz profundas mudanças no processo pedagógico, uma vez que possibilita aos docentes e aos discentes envolvidos constituírem-se como sujeitos no ato de aprender.

Além das atividades citadas, os participantes da pesquisa também relataram diversas experiências com aulas práticas e participação em congressos científicos. Nesse momento das entrevistas, observamos que os relatos eram acompanhados de sorrisos, de um sentimento de orgulho que tiveram ao participar de eventos científicos, da satisfação em conhecer lugares novos que até então não tinham tido oportunidade, e, mais uma vez, de reconhecimento dos esforços empenhados pelos docentes nessa etapa, seja na escrita dos artigos apresentados seja nas viagens para as vivências, conforme os trechos a seguir:

> Teve, a primeira vez que eu fui no Recife, não, foi não, não, foi um congresso que eu fui, eu tava no segundo período, aí foi no Recife, mas já tinha ido no Recife fazer vestibular. É teve alguns lugares, no interior, de Alagoas, Santana do Ipanema, foi através da UAG, João Pessoa, eu nunca tinha ido, ai fui pra um congresso através da UAG. É, deixa ver mais, Maceió pra um

> congresso também, mas Maceió eu já conhecia. Então, foi mais alguns lugares aqui próximos. Aqui próximo de Garanhuns (Zootecnista, 2023).
>
> A gente foi, era próximo, era na nas cidades próximas, acho que a gente foi em Saloá, a gente foi em Gravatá, a gente foi em Recife, eram lugares mais próximos, mas que a gente conseguia ter aula prática com os conhecimentos deles [professores], né? Produtores amigos ou deles mesmo da família. A gente foi pra aula prática de ginecologia, parte de produção animal, a gente teve aula prática, a gente foi pra, virose, bacteriose a gente teve aula prática, aí teve um, alguma coisa que eles fizeram uma semana em Recife, a gente foi, todo mundo, a gente fez aula prática em várias áreas lá, cirurgias, clínica, porque a gente não tinha tido nada aqui. E a aula prática da gente foi uma semana. A gente foi no hospital, né? lá. Eles conseguiram isso, a gente foi pra lá pra ter aula prática (Veterinária, 2023).
>
> [...] uma vez [risos] a gente não teve o que fazer [risos] foi todo mundo pra nascente do Mundaú aqui, o professor disse olha, o professor Cláudio disse assim, amanhã vai todo mundo pra nascente, viu? Se prepare que a gente vai pra dentro do mato. Ai minha filha, lama, todo mundo de tênis, a lama dava aqui olha [risos, apontando para o joelho], na gente olha, e o tênis não adiantou de nada [risos]. A gente botou o pé dentro da lama e foi pra nascente, coisa mais linda do mundo, a nascente. [...] aí a gente foi pra nascente, ver a nascente, uma nascente, pegar água da nascente pra analisar, aí pra estudar sobre mata ciliar, essas coisas, né? Que na época a nascente já estava assim com a mata ciliar bem, assim, pouquinha que dá, você sabe que tem uma distância, né? Da nascente pra mata ciliar, né? E naquela época a gente foi e constatou isso [...]. A gente viajava, minha filha, a gente tem o nome da gente aqui, no Elfe, um congresso que acontece, todo ano acontece esse congresso e aí nós fomos, participamos desse congresso. Junto com Juliene, né? Na época, aí foi Juliene que nos orientou. Nós viajamos pra tanto lugar, nós fomos pra o Vale do Catimbau sem nenhuma experiência [risos], lá vai, todo mundo pro Vale do Catimbau, com um pingo de água, no verão, neguinho passou mal depois, quase que desmaiava [risos], eu mesmo quase desmaio [risos]. [...] A gente foi pra Recife várias vezes, a gente foi visitar a unidade acadêmica de lá. Eu morava lá, já conhecia, mas eu fui com os meninos visitar. Nós passeamos naquele parque escola, com o professor Marcelo e professora Juliene e professor Cláudio, né? Quem mais andava com a gente. Nós fomos pra muitos lugares. [...] Lembrei de uma coisa, a gente foi pra Recife, na volta, ele fez uma desviada e foi no litoral, ai Sadraque viu o mar pela primeira vez. Mulher, ele ficava assim olha, parado assim, de braço cruzado, pensa na felicidade, da gente tudinho, né? Principalmente do professor que proporcionou isso a ele, né? Ver o mar pela primeira vez, imagina. Tem coisa mais linda do que o mar? Mulher, me diz se a gente tem alguma coisa de ruim pra falar desses professores dessa universidade? (Pedagoga, 2023).

Podemos considerar que, através dessas atividades, é possível envolver os discentes nas discussões científicas, ampliando suas visões de mundo, pois, ao incentivar a reflexão e a interação com pensamentos e ambientes distintos, é possível estimular a criticidade dos indivíduos.

Para Cabreiro e Costa (2015), mesmo que o aluno tenha participado de atividades de iniciação científica, extensão e/ou monitorias e não opte pela carreira acadêmica, ao ingressar no mercado de trabalho, possuirá um perfil diferenciado, pois a experiência nesses contextos produz uma melhor desenvoltura intelectual no campo profissional.

Durante os relatos, os depoentes comentaram sobre algumas bolsas recebidas durante a realização desses projetos, com exceção de Pedagoga, que alegou não ter recebido bolsas. Para eles, a bolsa auxiliou na permanência e no estímulo para a continuidade na instituição. Entretanto, observamos também que eles desenvolveram muitas outras atividades de forma voluntária, alegando que as experiências trariam muitos benefícios para suas formações.

Os participantes relataram que chegaram a receber bolsas de pesquisa, extensão e monitoria, conforme trechos a seguir:

> E foi o período que me segurou na universidade, era o que me segurava. Porque quando eu estava no terceiro período eu fiz outra, outro processo seletivo pra Física, Licenciatura em Física na Rural só que no Recife mas eu não tinha condições de me manter lá e nem meu pai ia ter condições de manter lá, porque minha irmã já cursava em outra capital que é em João Pessoa[...]. Aí não dava, aí além de eu tá mais perto de casa eu tava começando a receber uma bolsa. Aí me segurou. (Agrônomo, 2023).

> Mas, assim, no começo da graduação eu fazia tudo, tudo, tudo que aparecia eu fazia e era tudo sem bolsa, né? E aí assim é, até eu tirava onda, dizia quando, uma hora eles me olhar e vão dizer, vamos dar a bolsa aqui pra esse pobre coitado, tudo que é de graça ele faz, eu disse uma hora vai ter uma bolsa, né? E aí acho que, aí teve bolsa de extensão com a professora de química, aí foi quando começou a aparecer as primeiras coisas [risos]. [...]. Quando eu entrei na monitoria foi no segundo [período] e aí acho do segundo pro terceiro que teve o projeto de extensão, aí teve uma bolsa de projeto de extensão, e aí acho que quando eu tava no quarto período eu entrei pra Cleber Régis, né? Pra melhoramento genético, no PIBIC. Só que era eu, Catarina e Luciana. E aí só tinha uma bolsa, mas a gente tinha combinado que, pra quem saísse a bolsa a gente ia dividir pros três. E aí a bolsa era trezentos reais aí ficava cem reais pra cada (Zootecnista, 2023).

> Ela [a professora] disse que ia fazer uma camisa pra mim que era amigos da universidade [risos], porque eu fiz tudo muito sem bolsa, porque na época não tinha também. Então eu fui muito voluntária de tudo. Eu acho que eu só recebi bolsa no PIBIC que foi com dividida com Wando, a gente era uma bolsa pros dois e dividia. Então acho que foi a única coisa que eu tive de remuneração da universidade, o resto foi tudo solidário mesmo, tudo sem receber bolsa tudo, ai ela dizia vou fazer uma camisa de amigo da universidade. E tudo eu topava porque, eu dizia assim tudo é uma experiência pra vida assim, eu posso não usar na veterinária mas eu uso, vou aprender de alguma forma, então se aparecer um projeto que não, que era de química, que era, eu vou fazer! Ah mas não vai. Mais na frente eu vou e vai servir pra alguma coisa, né? Não serve talvez na prática da veterinária mas serve como pessoa mesmo (Veterinária, 2023).

Para Cabrero e Costa (2015), essa dificuldade em se conseguir bolsas acontece, pois, devido à grande demanda e por se tratar de recursos advindos de agências de fomento à pesquisa e das próprias universidades, não há como repassar uma bolsa para todos os estudantes, o que resulta em processos seletivos disputados. Por isso, verifica-se um grande número de alunos atuando como voluntários nas atividades de pesquisa e extensão.

Entendemos que, ao ampliar o número desses tipos de bolsas, é possível atrair um maior número de estudantes que tenham vocação para docência e pesquisa, o que termina por contribuir com o fortalecimento da ciência nacional.

Entretanto, existem casos em que o recebimento de algum auxílio financeiro torna-se crucial para a permanência do estudante nas universidades públicas, isso acontece porque, segundo pesquisa realizada por Pacheco e Ristoff (2004, p.12), "[...] cerca de 25% dos potenciais alunos universitários são tão carentes que não têm condições de entrar no ensino superior mesmo se ele for gratuito". Isso demonstra que, além da gratuidade do ensino, os estudantes dependem de bolsas (estudo, trabalho, monitoria, extensão e pesquisa), restaurantes universitários, moradia estudantil, dentre outras ações que viabilizem sua permanência no campus.

Cabe enfatizarmos, diante disso, que, durante o período em que esteve na UFAPE, Agrônomo era o único, dentre os participantes da pesquisa, que não tinha seus familiares residindo em Garanhuns, por isso precisou alugar um local para conseguir frequentar as aulas.

> Era como se fosse sua pensão aí, porque era um aluguel com, no começo, acho que era eu e mais sete pessoas todos da mesma cidade. Aí a gente se mudou de lugar, mas sempre era eu e mais alguém, nunca fui eu sozinho, sempre mais duas ou três pessoas, era muita gente. [...] dividia tudo (Agrônomo, 2023).

Tal relato demonstra o impacto da implantação da universidade no interior de Pernambuco na vida desses estudantes. Todos os participantes relataram que seria muito difícil manterem-se na capital e que provavelmente não teriam conseguido. Ao mesmo tempo, expuseram também como se sentiram bem ao conseguir estudar em uma universidade federal estando ainda na casa dos pais, e, no caso de Agrônomo, bem mais próximo comparado à capital Recife.

Quando indagados sobre o convívio entre os colegas na instituição, todos os colaboradores relataram que tiveram uma boa experiência. Nesse momento, observamos muitos sorrisos quando citaram vários exemplos de situações em que o bom relacionamento com os pares se constituiu em lembranças saudosas, no auxílio dos estudos ou em momentos de descontração entre eles, fatores que se tornavam um estímulo dentro do ambiente universitário, como destacamos a seguir,

> [...] Eu conversava [com os colegas], trocava ideia, não tinha estresse, né? (Agrônomo, 2023).

> [...] A galera [turma] sempre falava que eu chorava, chorava e no final das contas passava com nota boa, né? Que tipo, a gente ia pra casa de Ianara pra estudar, com Ianara e Mané. Aí, as vezes a gente chegava lá ai tava eu e Igor de ressaca, morto na prova, ou então morto pra estudar. Aí Mané ensinava as coisas pra gente, aí eu e Igor tirava nota melhor do que Mané [risos]... aí ele, pô esses meninos chegam bêbo aqui, [...] e eu fico aqui ensinando, pra eles tirarem uma nota maior do que eu e tal, ai a gente ficava tirando onda [risos] [...]. (Zootecnista, 2023).

> [...] Mas minha turma era uma turma boa, claro que ninguém é amigo de todo mundo, mas no final das contas eu acho que até por isso, pela necessidade da falta, né? A gente meio que se unia pra tentar o melhor pra todo mundo [...]. Mas óbvio que tinha as picuinhas de sala, as divergências que ninguém consegue, né. Hoje todo mundo se dá muito bem, porque todo mundo está mais maduro também, mas na época, né? Sempre tinha briguinha, enfim, eu mesma briguei, eu era meio brigona [risos]. [...] Eu passei, eu passava, geralmente de segunda, difícil eu ir pra final, mas mesmo sem precisar todo mundo vinha pra cá e eu estudava com todo mundo que ia pra final. Eu sem precisar, então a gente era muito assim, parecia muito, muito lindo mesmo, isso ajudava pra ninguém ficar pra trás, pra a turma toda passar (Veterinária, 2023).

> Pense numa turma boa. Foi uma das primeiras turmas da universidade. Eu acho que nenhuma turma mais nunca foi como a nossa. Pense numa, a gente viajou, viu? A gente andou até umas horas [...]. Assim, porque a turma da gente era uma turma que era muito misturada, tinha jovem mas tinha também muita pessoa de idade já...E eu já tinha uma certa idade né? Na época eu tinha cinquenta e poucos anos, e hoje eu tenho sessenta e dois (Pedagoga, 2023).

Sobre esse aspecto, Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008) afirmam que, quando os estudantes conseguem integrar-se acadêmica e socialmente na universidade, eles têm mais chances de crescer intelectual e pessoalmente. Assim, é de grande importância o estabelecimento de laços de amizade no ambiente universitário, na medida em que proporcionam o compartilhamento de experiências e problemas. Em contrapartida, quando não há tal característica, pode ocorrer uma frustração quanto às expectativas relacionadas à vida social, comprometendo o andamento do curso.

Segundo pesquisa realizada por Bardagi e Hutz (2012), que entrevistou um grupo de universitários evadidos e buscou identificar, dentre outros aspectos, percepções sobre a importância dos relacionamentos para a decisão de abandono de curso, foi verificado que os relacionamentos interpessoais na graduação têm um papel importante na permanência dos estudantes na instituição, de modo que, quando não acontece de forma satisfatória, isso se torna uma das razões da desistência.

Ainda durante a pesquisa acima, os autores puderam perceber que o aspecto do relacionamento interpessoal foi marcante, de forma que, quando teve um efeito positivo, atuou como critério para postergar a saída do curso. Entretanto, quando o efeito foi negativo, foi tido como um critério para a evasão. Logo, o bom convívio se constitui como parte fundamental da integração dos estudantes com seus respectivos cursos, pois "[...] sentir-se parte do ambiente e do novo grupo é fundamental para a consolidação da identidade profissional, uma vez que, o aluno tende a fazer uma associação entre o curso, os colegas, a instituição e a profissão em si" (Bardagi; Hutz, 2012, p.180).

Nesse sentido, a dimensão relacional, com a integração ao grupo, tanto de colegas, quanto de professores e demais funcionários da instituição, constitui-se como aspecto fundamental para a satisfação acadêmica e para a adesão ao curso (Bardagi; Hutz, 2012; Teixeira, Dias, Wottrich; Oliveira, 2008; Nierotka, Bonamino; Carrasqueira, 2023). Além disso, os colegas passam a ser apoio no enfrentamento das dificuldades do dia a dia, como, por exemplo, na ajuda com os estudos para as avaliações, mencionadas nos trechos citados.

Diante dos relatos, observamos que o cotidiano da vida universitária exigiu dos nossos colaboradores um grande esforço no sentido de adaptação aos novos desafios que essa fase impôs. Momentos de dificuldades tornaram-se um estímulo à superação e à resiliência. Dessa forma, a oportunidade de ingressar no ensino superior proporcionou a vivência de experiências que tornaram possível a realização pessoal da conclusão do curso superior e da tão sonhada formatura.

O Censo da Educação Superior, realizado pelo INEP anualmente, oferece informações estatísticas que possibilitam o acompanhamento de dados sobre esse nível de ensino. Levando em consideração que, no ano de 2005, ano de implantação da UFAPE, o número de concluintes em instituições de ensino federal no Brasil, nas modalidades presencial e a distância, foi de 92.626 (INEP, 2012) e que, no ano de 2022, o total foi de 142.853 (INEP, 2024), percebemos que o aumento do número de formandos, em um período de 17 anos, foi de 54,2%.

Mesmo considerando a expansão do nível superior no Brasil, o acesso a esse nível de ensino e a conclusão dele ainda se impõem como um desafio na realidade brasileira (Nierotka; Bonamino; Carrasqueira, 2023). Apenas os números de matriculados nas IES não dão conta de mostrar os efeitos da expansão do ensino superior. Nesse sentido, torna-se importante atentarmos aos aspectos que tornaram suas trajetórias bem sucedidas, compreendidas, assim, através da permanência e da conclusão dos seus cursos (Costa; Picanço, 2020).

De acordo com as entrevistas, percebemos que as oportunidades vividas pelos depoentes na instituição e a forma como eles reagiram diante delas, assim como todo o contexto social e econômico, contribuíram para a culminância da colação de grau. Estudos demonstram que o universitário tem um papel central no seu processo de formação, de forma que esse envolvimento depende muito mais dele do que do ambiente, porque a exploração ativa das oportunidades deve partir do próprio discente (Bardagi; Hutz, 2012; Teixeira, Dias, Wottrich; Olivera, 2008; Nierotka; Bonamino, 2023).

Segundo uma pesquisa realizada na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), IES que também é fruto da expansão e interiorização do ensino superior, na qual foram analisadas características de alunos que concluíram a graduação, as autoras verificaram que o apoio social e a participação em programas de atividades extracurriculares, com bolsa ou em caráter voluntário, constituíram aspectos de grande relevância na trajetória acadêmica e na consequente conclusão (Nierotka; Bonamino, 2023). Esses dados vão ao encontro das análises dos relatos disponibilizados pelos nossos depoentes, pois pudemos observar características semelhantes que contribuíram para a conclusão dos seus cursos.

Diante disso, chegado o dia da colação de grau, os depoentes relataram como foi o evento e como se sentiram em relação a familiares, amigos e professores. Observamos que esse foi um momento de emoção, um misto de alegria e alívio, e que a participação nesse dia simbolizou a conquista de uma vitória, não só para eles, mas também para os seus parentes mais próximos, conforme podemos observar nos seguintes relatos:

> Acho que foi mais de alívio, eu tava aliviado de ter terminado, de ter conseguido, porque eu achei que eu não ia conseguir. Chegou um momento que eu digo, ó, são cinco anos, né? É, o curso só faz, isso, se você não tiver nenhum empecilho, é cinco anos. [...] Aí eu consegui concluir o curso e eu pensei que eu não ia conseguir concluir no período certo, aí foi mais de alívio, meus pais ficaram felizes, né?. (Agrônomo, 2023).

> [...] Eu fiquei muito feliz de ter conseguido, da gente ter conseguido realizar o baile, o dia da formatura, a colação de grau, que como era também a colação de grau das primeiras turmas foi aquele evento né, cheio de político, falatório tão grande, tal, foi um pouco cansativo para os convidados mas pra gente foi maravilhoso ainda assim, porque, é, o professor da gente que foi homenageado, que foi Jalmir, ele falou de cada um de nós, foi um momento super especial[...]. Meu pais também estavam muito felizes com a festa de formatura porque durante muito tempo eles me viam saindo pra faculdade mas não entendiam, é, o curso, o que era que fazia e tal, né, ai assim, com o passar do tempo que eles foram entendendo, mais ai eles viram que esta festa de formatura era pra ter um encerramento, né. [...] (Zootecnista, 2023).

> Meu pai ficou assim, meu pai queria ser veterinário, né? Ele só não teve coragem porque ele é mole com sangue essas coisas, aí não, mas ele quis, porque queria, porque era o sonho do meu avô que ele fosse veterinário, esse meu avô, né? E aí eu sinto que meu avô quando eu terminei veterinária, meu avô tava com Alzheimer, então ele não, ele não, não chegou a, eu não cheguei a dar essa alegria de assim, eita minha neta, porque eu era neta preferida, né? Eu tinha muita coisa com ele e aí ele teve Alzheimer e ele não me, não me conhecia mais, quando me formei então ele não, não veio pra minha formatura e nem sabia assim, né? Que eu tava me formando pra o que ele queria tanto, né? (Veterinária, 2023).

> Nossa formatura foi no fórum. Nós fomos a primeira turma de universidade que recebemos o canudo realmente. Foi, a gente recebeu o diploma realmente, não foi de faz de conta não. Já estavam prontos, a gente pensando que ia receber só uma imitação lá e o diretor chegou lá pra

> gente e disse[...]. Foi uma formatura belíssima, foi muito bonita nossa formatura (Pedagoga, 2023).

Através dos relatos, conseguimos identificar aspectos do cotidiano dos nossos colaboradores que nos ajudaram a compreender como se deram suas trajetórias na instituição, possibilitando a exploração de detalhes que foram cruciais para o entendimento das singularidades desse processo.

Para compreender as trajetórias dos estudantes desde seu ingresso até a conclusão, Nierotka (2021) destaca que é necessária a análise sobre três dimensões, que seriam as características: socioeconômicas e educacionais; institucionais e de escolha dos cursos; e de desempenho e/ou rendimento acadêmico. Assim, ao analisar as informações dessas dimensões em conjunto, como, por exemplo, idade, sexo, renda, escolaridade dos pais, atividades extracurriculares, apoio social, turno, notas, reprovações, dentre muitas outras, é possível termos uma melhor visualização da relação entre essas variáveis e o sucesso obtido com a conclusão. Além desses fatores, a autora destaca a influência dos amigos e dos familiares, o relacionamento com os professores e a valorização profissional do curso.

Diante disso, buscamos, nos relatos dos nossos colaboradores, informações sobre suas considerações acerca das suas trajetórias, como eles perceberam e como avaliam esse período em que estiveram na UFAPE, a fim de identificar se eles a consideraram boa ou não. Após rememorar essas vivências, observamos que a entrevista suscitou reflexões sobre todas as barreiras e dificuldades encontradas durante o período da graduação, traduzidas através do sentimento de superação e da sensação de vitória. Em relação a esses aspectos, foi dito:

> É muito flutuante., porque quando eu entrei não era lá onde é o prédio atualmente era em outro local atrás do Hotel Tavares Corrêa [...]. É, quando você, quando eu passei na faculdade foi um, eu fiquei muito feliz, né? (risos) Que era uma coisa que eu assim, não é nem prepotência, mas é uma coisa que eu já sabia que ia acontecer. Que uma hora ou outra eu ia passar no vestibular, eu ia ser concursado. Eu sabia que uma hora ou outra eu ia passar no concurso, que eu ia conseguir. Eu consegui. É, quando eu, nos primeiros dias, é sempre bom, né? Sempre uma coisa aqui por ser novidade, mas teve um período que eu não via a hora mais de acabar aquilo, né? Como todo mundo, né? Cinco anos as mesmas caras, as mesma rotina é exaustivo, né? [...]. Hoje eu eu só tenho uma graduação, mas eu acho que eu nem vou voltar mais pra Agronomia futuramente. Mas eu aprendi muita coisa, principalmente em relação a produção textual, questão de normas, escrita, essas coisas, pelo menos é uma coisa, isso aí eu guardei e não esqueço (Agrônomo, 2023).

> É assim, eu considero que foi uma trajetória boa porque eu sempre me envolvi em tudo que que dava tempo e que eu conseguia me envolver desde o início. Eu acho que até porque, talvez porque, eu trabalhava já há algum tempo e só, aquele negócio só estudar, quando aparecia qualquer coisa a mais eu queria fazer, né? Mesmo que fosse, mesmo que o início era tudo sem bolsa, porque inicialmente, não era porque era concorrido, né? Porque a gente foi da primeira turma e praticamente não tinha essas concorrências todas, né? Mas porque não tinha mesmo bolsa. No começo eu nem sabia nem que existia isso de bolsa, né? De você tipo, pra mim bolsa era coisa de uma universidade particular, tipo você tinha que pagar a mensalidade aí você trabalhava na biblioteca pra não pagar a mensalidade. Mas eu não imaginava que, de você estar estudando numa escola pública e você ia ainda receber pra isso, por alguma coisa, né? Aí depois que você entra, que vai entendendo um pouquinho como que funciona, né? Aí assim, eu considero isso porque me envolvi em tudo e eu sempre gostei de estudar. Desde que entrei,

> né? Não vou dizer de antes não. Eu acho que a vontade que eu tinha de entrar era que me fez me empenhar mais. (Zootecnista, 2023)
>
> Difícil, na verdade com dificuldade mas ao mesmo tempo leve. A gente teve dificuldade de estrutura, teve dificuldade nesse sentido. Mas a gente, não faltou pra gente o conhecimento, a orientação, né? Não faltou, assim, a gente teve professores de guiar mesmo, de orientar, de verdade, a gente, pra o que a gente fazia, né? Por ser primeira turma tinham muito esse cuidado. Aqui a gente percebeu também, que aqui os professores deixavam, eles direcionavam muito os alunos pra pesquisa. (Veterinária, 2023).
>
> Era só felicidade. O tempo, meu tempo da UAG, eu acho que foi o tempo melhor da minha vida, eu acredito que tenha sido assim o tempo melhor da minha vida. Foi o tempo da universidade. A gente fazia tudo com muita satisfação, muita satisfação, muito esforço, assim, mas muita satisfação (Pedagoga, 2023).

Para Nierotka e Bonamino (2023), a permanência e a conclusão do curso são fomentadas pelas políticas e pelas interações estabelecidas pela instituição com os estudantes, de forma que esse aspecto ajuda na compreensão sobre suas trajetórias e sobre o fenômeno da conclusão.

Observamos pelos relatos dos colaboradores que eles avaliaram suas trajetórias como boas, deixando claro que as dificuldades e os desafios foram muitos e precisaram de muito esforço para chegar até o dia da tão sonhada formatura. Entendemos que, nesse contexto, a IES, sua forma de organização, seus docentes, funcionários e suas políticas atuaram de forma a estimular a formação, a permanência e a conclusão dos estudantes, corroborando o que indicaram os estudos citados o longo do capítulo a respeito da importância desses aspectos no ambiente universitário.

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, buscamos compreender como foi a trajetória universitária na UFAPE dos seus primeiros egressos, analisando os aspectos que marcaram seu cotidiano acadêmico. As diferentes histórias de vida que acessamos através das entrevistas demonstraram diferentes representações sobre o que foi vivido, visto que cada indivíduo construiu suas análises influenciado pelos contextos políticos, sociais e econômicos no qual está inserido.

Ter a oportunidade de conhecer as trajetórias de vida dos nossos entrevistados nos fez perceber o quanto as políticas de democratização e permanência do ensino superior são urgentes e necessárias em um país desigual como o nosso. Conhecer detalhes das histórias de superação de pessoas oriundas de camadas populares rumo à realização de um curso superior em uma instituição pública e de qualidade nos fez compreender que essa ainda é uma realidade difícil de se alcançar nos dias de hoje.

Acessar o ensino superior foi um acontecimento profundamente impactante e significativo na vida de cada um, segundo os relatos dos nossos entrevistados, porque, neste caso, não se concretizou a previsão de fracasso comumente associado às pessoas que não pertencem às camadas mais altas da sociedade em relação à educação.

A partir das análises, foi possível também identificar que aspectos como relacionamentos sociais, participação em atividades acadêmicas de pesquisa, ensino e extensão e o apoio e incentivo dos docentes foram fundamentais tanto para suas trajetórias quanto para a conclusão dos cursos.

Acreditamos na educação como ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e o ensino superior se insere nesse contexto como um aspecto importante em uma sociedade como a nossa, pois deve ajudar a promover uma ampliação da consciência do homem no mundo, na luta por uma sociedade que forneça oportunidade para todos os cidadãos.

AGRADECIMENTOS

Aos egressos da UFAPE, participantes da pesquisa, pelo acolhimento e confiança. À Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) pelo apoio e disponibilidade dos dados.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de história oral. 3.ed.rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: Impacto na evasão universitária. Psico, [S. l.], v. 43, n. 2, 2012. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/7870 Acesso em: 04 dez. 2023.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BORRALHO, A.; FIALHO, I.; e CID, M. Aprendizagem no ensino superior: Relações com a prática docente. In: Leite, C., & Zabalza, M. (Orgs.). Ensino Superior: Inovação e qualidade na docência. 2012. https://www.aidu-asociacion.org/wp-content/uploads/2019/08/cidu-2012-porto.pdf . Acesso em: 04 dez. 2023

BRASIL. Lei n° 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html Acesso em: 01 mar. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/legislacao/constituicao/constituicao.asp. Acesso em: 04 dez. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.651 de 11 de abril de 2018. Cria a Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), por desmembramento da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e cria a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (Ufape), por desmembramento da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13651.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.

CABRERO, R. de C.; COSTA, M. da P. R. Iniciação científica, bolsa de iniciação científica e grupos de pesquisa. In: Massi, L. e Queiroz, S. L. (Orgs.). Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

CANAAN, M. G. e NOGUEIRA, M. A. Bens em disputa no campo universitário: o efeito de fatores socioeconômicos e culturais no acesso à bolsa de iniciação científica. In: Massi, L. e Queiroz, S. L. (Orgs.). Iniciação científica: aspectos históricos, organizacionais e formativos da atividade no ensino superior brasileiro. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

CORDEIRO, W. M. As interações entre contexto e universidade: estudo da unidade acadêmica de uma universidade pública federal. 159f. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

COSTA, A. L. D.; PICANÇO, F.. PARA ALÉM DO ACESSO E DA INCLUSÃO Impactos da raça sobre a evasão e a conclusão no Ensino Superior. Novos estudos CEBRAP, v. 39, n. 2, p. 281–306, maio 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/nec/a/cH8p7sZsd9gk33JFRG3kpTJ/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 04 dez. 2023.

COSTA, S. H. A importância do programa de iniciação científica (PIBIC) na formação científica dos estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

CRESWELL, J. W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. (orgs). Usos e abusos da história oral. 8ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GEWEHR, F. A. C. As Relações entre a Expansão do Ensino Superior Público em Pernambuco e o Desenvolvimento Local: os possíveis impactos da implantação da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco no desenvolvimento sócioeconômico do Agreste Meridional. Dissertação (Mestrado em Gestão Pública) – Universidade Federal de Pernambuco, 2021.

GONÇALVES, M. F.; GONÇALVES, A. M.; FIALHO, B. F.; GONÇALVES, I. M. F. A importância da monitoria acadêmica no ensino superior. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo,[S. l.], v. 3, n. 1, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3757. Acesso em: 24 nov. 2023.

INEP. Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2010/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2010.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.

INEP. Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2022 [recurso eletrônico]. – Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.

JUNGES, K. S; BEHRENS, M. A. Prática docente no Ensino Superior: a formação pedagógica como mobilizadora de mudança. Perspectiva, [S. l.], v. 33, n. 1, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2014v33n1p285. Acesso em: 20 nov. 2023.

LIMA, E. E.; MACHADO, L. R. DE S.. Reuni e Expansão Universitária na UFMG de 2008 a 2012. Educação & Realidade, v. 41, n. 2, p. 383–406, abr. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/KN5tkssYxCcBN5KQkwjf8qD/abstract/?lang=pt# Acesso em: 04 dez. 2023.

MANCEBO, D.; VALE, A. A. D.; MARTINS, T. B.. POLÍTICAS DE EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL 1995-2010. Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 60, p. 31–50, jan. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/QKyJmCvwkGxsJqg7vSCC4xk/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 03. dez. 2023.

MEIHY, J. C. S. B. Manual de História Oral. 5ed. Rev. Ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NIEROTKA, R. L. Desigualdade de oportunidades no ensino superior: um estudo de caso sobre acesso e conclusão na UFFS. Tese (Doutorado em Ciências Humanas - Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/57127/57127.PDF. Acesso em: 24 nov. 2023.

NIEROTKA, R. L.; BONAMINO, A. M. C. Conclusão de curso no ensino superior: um olhar sobre ingressantes das camadas populares na Universidade Federal da Fronteira Sul. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 104, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dFcmdBbr3hTwGyHDkQXBVTQ/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 04 dez. 2023.

NIEROTKA, R. L.; BONAMINO, A. M. C..; CARRASQUEIRA, K.. Acesso, evasão e conclusão no Ensino Superior público: evidências para uma coorte de estudantes. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 31, n. 118, p. e0233107, jan. 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/wyCSCb88RyNtDnynHHxftrp/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 04 dez. 2023.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. Revista Mal-estar e sociedade. V.4. n.7. 2011. Disponível em: https://revista.uemg.br/index.php/gtic-malestar/article/view/60. Acesso em: 04 dez. 2023.

PACHECO, E.; RISTOFF, D. I. Educação Superior: Democratizando o Acesso. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, SP, v. 9, n. 4, 2004. Disponível em: https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1284. Acesso em: 04 dez. 2023.

PEÑALOZA, V. Um modelo de análise de custos do ensino superior.

NUPES - Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior. 2022, Universidade de São Paulo.

SILVA, A. C. Alguns problemas do nosso ensino superior. Estudos avançados, n. 15, v. 42, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ea/a/K7qGYkTrDXZB5VHJfprtdKF/?format=pdf&lang=pt Acesso em 25 ago. 2023.

SILVA, A. L. B; SOUSA, S.C.; CHAVES, A. C. F.; SOUSA, S. G. C.; ANDRADE, T. M.; FILHO, D. R. R. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. Revista de Enfermagem UFPE online, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/242189/33602. Acesso em: 04 dez. 2023.

SOUZA, M. E. J. Uma análise da eficácia e da efetividade dos cursos das ciências agrárias da Unidade Acadêmica de Garanhuns para o desenvolvimento do Agreste Meridional de Pernambuco. Dissertação (Mestrado profissional em Administração Pública) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2019.

TEIXEIRA, M. A. P; DIAS, A. C. G.; WOTTRICH, S. H.; OLIVEIRA, A. M. Adaptação à universidade em jovens calouros. Psicologia Escolar e Educacional, v. 12, n. 1, p. 185 –202, jun. 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 04 dez. 2024.

THOMPSON, P. A Voz do Passado: história oral. 2 ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Resolução nº 44 de 26 de abril de. 2005, do Conselho Universitário (CONSU) da UFRPE, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (UFAPE). Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 006/2022. Dispõe sobre a Política de Extensão da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e dá outras providências. Garanhuns, 2022. Disponível em: http://ufape.edu.br/sites/default/files/resolucoes/CONSEPE_RESOLUCAO_n_006_2022.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AGRESTE DE PERNAMBUCO (UFAPE). Plano de desenvolvimento institucional PDI UFAPE – 2023- 2028. Garanhuns, 2023. Disponível em: http://ufape.edu.br/sites/default/files/2023-05/PDI%20UFAPE%202023-2028%20-%20Vers%C3%A3o%20para%20Consulta%20Publica_0.pdf. Acesso em: 04 dez. 2023.

ZAGO, N.. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 32, p. 226–237, maio 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wVchYRqNFkssn9WqQbj9sSG/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 04 dez. 2023.